

HUGO MARTINEZ  
Nosso Correspondente

**BUENOS AIRES** — No momento em que o Plano Austral completa seus primeiros 20 meses, o governo argentino prepara um novo pacote econômico (ver página 25) para prolongar a vigência desse plano, que significou uma notável reestruturação de toda a economia do país. A discussão teórica sobre os benefícios e prejuízos do Plano Austral é o assunto do momento entre os argentinos mas, mesmo seus antagonistas mais radicais, têm de admitir que ocorreu uma valorização do salário real próxima dos 6% até dezembro do ano passado; uma queda do desemprego da ordem de 3%; um notável aumento no consumo industrial de energia elétrica; uma redução brusca da capacidade instalada ociosa; aumento de 5% do Produto Interno Bruto (PIB); um acúmulo de reservas internacionais da ordem de US\$ 4 bilhões e, principalmente, a queda vertical da taxa inflacionária.

Os críticos da política econômica do governo alegam que esses "pequenos avanços" — em alguns casos representando uma recuperação aos níveis registrados em 1978 — parecem transitórios. Outros argumentam que a recuperação poderia ter sido muito mais decisiva e há os que encaram os resultados positivos apenas como "uma bonança que antecede a tempestade".

Uma visão imparcial do Plano Austral revela, entretanto, que sem dúvida alguma a queda da inflação (que volta a dar sinais de vitalidade) é o principal resultado. Também a condução da política econômica (de péssimo relacionamento com a imprensa) não soube tirar um melhor proveito dos dados positivos que conseguiu produzir. A economista brasileira Maria da Conceição Tavares, quando esteve em Buenos Aires, fez publicamente essa mesma observação ao visitar o Banco de la Provincia de Buenos Aires.

# Decisiva a firmeza com salários

A equipe econômica tem em suas mãos a condução do Ministério de Fazenda e do Banco Central: uma conjunção que poucas vezes aconteceu na História argentina. Também conta com o apoio total do presidente Alfonsín que jogou sua cartada política exatamente no desempenho da economia. Assim seus caminhos só têm duas direções: o triunfo ou o fracasso. Neste final de fevereiro ainda não está claro em qual das duas o governo cairá.

## FRÁGIL EQUILÍBRIOS

A coluna vertebral do Plano Aus-



Buenos Aires, junho de 1985: o peso e o austral convivem

tral tem sido a de manter o frágil equilíbrio da distribuição do orçamento. A firmeza com que o ministro Sourrouille conduziu a política salarial — entrando diversas vezes em choque com o Ministério do Trabalho — foi decisiva. Em um país de fortes tradições inflacionárias, quando a massa assalariada conseguiu um aumento substancial em seu poder de compra, a consequência imediata foi a de investir esse minguado excesso nos produtos de consumo imediato. Não pensou em poupar o excedente. Depois de 40 anos convivendo com a inflação, o povo argentino não tem esse hábito.

Por outro lado, a medrosa classe industrial argentina — sempre atenta para reclamar do intervencionismo estatal e ao mesmo tempo sempre esperançosa que seus maus negócios possam ser acobertados pelo poder do governo — quando viu multiplicada a demanda respondeu apenas com uma elevação dos preços. "Sabíamos que a resposta adequada para atender a uma maior demanda era um aumento da produtividade. Mas os industriais optaram por corrigir os preços", declarou a *O Estado* um dos homens-chave da equipe de Sourrouille.

uma grande massa da população que, levianamente, se mantém omisa. Este banquete desordenado da economia inflacionária corrói diretamente as instituições democráticas e cria condições para o surgimento de regimes menos permissivos (e ao mesmo tempo mais eficazes), como é o caso da Bolívia que tem o forte apoio das Forças Armadas.

O Plano Austral não tem sido suficientemente forte para criar uma confiança estável e com uma certa cumplicidade generalizada, se instalou também a especulação financeira. A desconfiança se traduz em aumentos de preços e também de salários numa violação das regras oficiais como se governo e povo não estivessem todos no mesmo barco. Um tira água que se infiltra, o outro faz mais furos no fundo do casco. **SIN-CRONIA**

Para tentar sincronizar os papéis, o ministro Sourrouille está pensando em um novo congelamento de preços e salários por mais seis meses, um aumento das tarifas dos serviços públicos e uma desvalorização do Austral da ordem de 10%. Também em pauta está a decretação de um feriado bancário e cambial de 48 horas para se evitar a realização de operações especulativas que prejudiquem o equilíbrio das novas medidas.

O ministro da Fazenda, Mario Brodershon, que chega hoje a Nova York, se apresentará com estas novidades diante dos bancos credores. No seu outro bolso ele também leva uma cópia do discurso do presidente Sarney.

Brodershon tem autorização para pedir novos empréstimos no valor de US\$ 2,15 bilhões. Ele espera que, depois de uma análise completa da situação do Plano Austral, os banqueiros decidam tomar uma atitude mais flexível. Aí ele não precisará apelar para o discurso do presidente brasileiro que traz guardado no outro bolso.

Demagogia e inflação, objetivamente, trazem os contestadores e